

www.autoresespiritasclassicos.com



Anna Blackwell

A Fiel Tradutora de Allan Kardec

(1816 - 1900)

Ela foi jornalista, professora, escritora e poetisa, e uma tradutora profissional, pois se contam em muitas dezenas suas traduções, ao inglês, de vários autores e em diferentes áreas. Filha de Samuel e Hanna Blackwell, teve oito irmãos. Nenhuma das cinco irmãs se casou.

Seu pai trabalhou em refinarias de açúcar. A família mudou-se da Inglaterra para Nova York em 1832, depois Jersey, Cincinnati em 1838, depois Kentucky, Carolina e Filadélfia.

Anna Blackwell é uma pessoa muito importante na história do Espiritismo, pois além de ser amiga pessoal do casal Allan Kardec, participou de reuniões na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE) e foi quem primeiro traduziu as obras da Codificação Espírita ao inglês.

Apesar de ter havido referência da tradução ao inglês de O Livro dos Espíritos, em 1861 (Revista Espírita, fevereiro de 1861), foi Anna Blackwell quem primeiro o traduziu, logo em seguida O Livro dos Médiuns, e há referência de que em 1877 tinha começado a tradução de O Céu e o Inferno.

No “Prefácio” de The Spirits Book (O Livro dos Espíritos), em 1876, ela transmitiu muitas informações históricas valiosas sobre Allan Kardec, desde sua infância: notas biográficas e familiares (também de Amélie-Gabrielle Boudet); descrição física e psicológica do Codificador; desenvolvimento do Espiritismo na primeira hora.

Ela foi correspondente espírita de Allan Kardec em Londres, Inglaterra, conforme constatamos na Revista Espírita, março de 1869, “O Espiritismo por toda parte”.

Anna Blackwell publicou uma obra em 1875 sobre o Espiritismo chamada de “The probable effect of spiritualism upon the social, moral, and religious condition of society”. (01)



A descrição de Allan Kardec por Anna Blackwell

Poucos são os registros acerca das características físicas de Allan Kardec. Raras as fotos. Mais conhecidas as que o mostram no vigor dos seus anos juvenis e a outra, na madureza, já então em sua fase espírita.

Chamado de "o bom senso encarnado", quais suas características psicológicas?

A Anna Blackwell responsável pela tradução das obras de Allan Kardec para a língua inglesa, teve oportunidade de assim deixar registradas suas impressões a respeito do Codificador.

Pessoalmente Allan Kardec era de estatura média. Complexão forte, com uma cabeça grande, redonda, maciça, feições bem marcadas, olhos pardos, claros, mais se assemelhando a um alemão do que a um francês.

Enérgico e perseverante, mas de temperamento calmo, cauteloso e não imaginoso até a frieza, incrédulo por natureza e por educação, pensador seguro e lógico, e eminentemente prático no pensamento e na ação.

Era igualmente emancipado do misticismo e do entusiasmo... Grave, lento no falar, modesto nas maneiras, embora não lhe faltasse certa calma dignidade, resultante da seriedade e da segurança mental, que eram traços distintos de seu caráter.

Nem provocava nem evitava a discussão, mas nunca fazia voluntariamente observações sobre o assunto a que havia devotado toda a sua vida, recebia com afabilidade os inúmeros visitantes de toda a parte do mundo que vinham conversar com ele a respeito dos pontos de vista nos quais o reconheciam um expoente, respondendo às perguntas e objeções, explanando as dificuldades, e dando informações a todos os investigadores sérios, com os quais falava com liberdade e animação, de rosto ocasionalmente iluminado por um sorriso genial e agradável,

conquanto tal fosse a sua habitual seriedade de conduta que nunca se lhe ouvia uma gargalhada. Entre milhares de pessoas por quem era visitado, estavam inúmeras pessoas de alta posição social, literária, artística e científica.

O Imperador Napoleão III, cujo interesse pelos fenômenos espíritas não era mistério para ninguém, procurou-o várias vezes e teve longas palestras com ele no Palácio das Tuileries, sobre a doutrina de O Livro dos Espíritos.

Fundou a Sociedade de Estudos Psicológicos que se reunia semanalmente em sua casa, para obter comunicações através da psicografia. Também criou a Revista Espírita (Revue Spirite), jornal mensal que ainda existe e que ele editou até 1869.

Pouco antes traçou um plano de uma organização para continuar o seu trabalho. “A Sociedade para a Continuação dos trabalhos de Allan Kardec”, com poder para compra e venda, recebimento de dadas e legados e para continuar a publicação da Revista Espírita.

Depois de sua morte os planos foram fielmente prosseguidos.

Kardec achava que os vocábulos "espírita" e "espírita", como "espíritismo" já possuíam uma significação definida. Assim os substituiu por "espíritismo" e "espírita" ou "espírita".

A filosofia espírita se distingue por sua crença em nosso progresso espírita, que é realizado através de uma série de reencarnações.

Devendo o Espírita passar por várias encarnações, resulta que todos nós temos tido várias existências e teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, na Terra ou em outros mundos.

A encarnação dos Espíritos ocorre sempre na espécie humana. Seria erro pensar que a alma ou Espírita possa reencarnar no corpo de um animal.

As várias existências corporais do Espírita são sempre progressivas e nunca retrógradas; mas a velocidade de progresso depende dos nossos esforços por atingirmos à perfeição.

As qualidades da alma são as do Espírita em nós encarnado; assim, o homem de bem é encarnação de um bom Espírita, como o perverso a de um impuro.

Tinha a alma a sua individualidade antes da encarnação e a conserva depois de separar-se do corpo.

Voltando ao mundo dos Espíritos, a alma aí reencontra aqueles que conheceu na Terra e todas as suas anteriores existências se avivam em sua memória, com a

lembrança de todo o bem e de todo o mal que haja feito.

Encarnado, o Espírito se acha sob a influência da matéria; o homem que supera essa influência pela elevação e pela depuração de sua alma aproxima-se dos bons Espíritos, com os quais estará um dia. Aquele que se deixa empolgar pelas paixões inferiores e põe todas as alegrias na satisfação dos apetites grosseiros aproxima-se dos Espíritos impuros e dá preponderância à natureza animal. (02)

Fontes:

(01) Revista O Reformador - Março de 2008

(02) Conan Doyle - História do Espiritismo